11/11/2019

Quando o EU encontra a diferença

(Parte I)

Gideon Borges dos Santos

[Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana. Pesquisador do Cesteh/ENSP/Fiocruz]

Há algum tempo atrás, visitei a cidade do Recife e conheci um motorista de aplicativo que foi a mais perfeita metonímia do que vive a sociedade brasileira atualmente. Como de costume, sempre que uso aplicativos de transporte, procuro saber um pouco mais dessa nova configuração do processo de trabalho, as vantagens e desvantagens dessa atividade, na opinião de quem a pratica.

No caso do Sr. Ferreira, faltou-me essa oportunidade porque antes mesmo de puxar assunto, como de costume, ele, imediatamente me ofereceu mote para um diálogo, de maneira bastante inusitada se comparada ao modelo enfadonho de comportamento que as agências de aplicativo de transporte exigem.

O motorista se atrasou, arrastou o carro quando me aproximei, reclamou da força que foi empregada para fechar a porta do veiculo, alegando que aquela não seria a última vez a utilizá-la, e ainda aproveitou para queixar-se do comportamento das pessoas e da libertinagem da sociedade atual. Eu lhe indaguei num tom irônico a razão da sua revolta. Ele imediatamente percebeu a brincadeira e todos deram aquela casquinada, pois ali estavam dois típicos gaiatos, como designamos no Nordeste aqueles rapazes travessos, cômicos, maliciosos e brincalhões que levam a pilhéria até o limite do cansaço. A conversa foi imediatamente reiniciada pelo meu conterrâneo com a enigmática pergunta dirigida a mim: "qual a sua origem?", disse-me todo faceiro. Respondendo-lhe que a sua indagação era demasiadamente vaga e desprovida de sentido, o taxista não se poupou de me acusar de político, no sentido mais pejorativo do termo, aquela pessoa que faz uso da retorica para iludir o outro.

E não contente com a denúncia, insinuou que a minha ignorância era indisfarçável porque a resposta poderia ser dita por meio de uma simples e única palavra. Eu vou confessar que aquela ladainha despertou o meu ardil retórico e rapidamente percebi que meu interlocutor suportava bem gozações quando lhe devolvi a pergunta. Sem muito o que fazer, sob pena de o assunto ser encerrado e a minha curiosidade perder a motivação, o homem falou a mais decepcionante de todas as respostas.

Disse-me ele: "minha origem é Deus".

Longe de mim colocar em questão as crenças dos outros, pois, estas sustentam o que nada mais seria capaz de fazê-lo, contudo, seu Ferreira me desafiou a fazer aquilo que mais gosto e praticamente é o cerne da minha atividade como professor: interrogar-se a respeito das próprias representações. Note-se que o pronome no plural é para demonstrar que utilizo uma medida bem maior para interrogar as minhas próprias crenças se comparada com aquela que aplico aos outros. E imbuído desse desejo e ao mesmo tempo embebido por ele, questionei ironicamente: "E se Deus não existir?

O senhor já parou para pensar nisso?" E de forma ainda mais convicta e implicante acrescentei: "eu venho das entranhas de minha mãe".

Não preciso descrever longamente a cara de espanto daquele sujeito, demasiadamente cristão, ao encontrar-se face a face, dividir por algum tempo o seu espaço e respirar o mesmo ar com alguém que duvidasse da existência do que é talvez a mais cristalizada verdade do ocidente. Seu Ferreira era ele todo decepção.

Jamais pensou em toda sua existência que alguém pudesse ter a jactância de dizer-lhe o que naquele momento ouvira e com toda circunspecção adquirida por um homem. A heresia que professava na opinião do evangélico era tão impensável que ele não hesitou em me repreender algumas vezes, pondo a culpa de quase todos os males da humanidade em pessoas como eu, pelo simples fato de duvidar da existência de ninguém menos que o Todo Poderoso. Rapidamente, ele decidiu me mostrar um vídeo de pregação do pastor da sua igreja para convencer-me que eu era puro pecado.

Sem sentir-me de maneira alguma ofendido pelo posicionamento político daquele homem, tratei de devolver-lhe a crítica, determinando a fonte desigualdades sociais aos valores que ele compartilhava e que pouco dizia a respeito da sua classe: seu Ferreira era pobre, preto, nordestino, desempregado, motorista de aplicativo mas encarnava o *ethos* do homem, macho, branco, sulista, heterossexual, cristão e empreendedor.

A conversa ganhou um rumo inusitado, embora previsto, quando o homem se arriscou a dizer que eu certamente não iria para o céu, como se esse fosse o castigo máximo dado a um mortal.

Maliciosamente, questionei a razão da criatura me julgar daquela forma, quando o próprio livro dos cristãos já os adverte que somente Deus tem o direito de fazê-lo. Como a corrida era longa e a conversa também, encerro esta prosa na próxima coluna. Até lá. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores